

# Delfim leva preocupação aos banqueiros ingleses

MILANO LOPES  
Enviado especial

**Hanover** — A advertência do ministro da Fazenda, Ernane Galvão, em relação à possibilidade do Brasil cumprir seus compromissos com o mercado financeiro internacional, na hipótese de uma nova corrida dos juros internacionais, foi seguida da manifestação da mesma preocupação aos banqueiros da City pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, ora em Londres. Em Hanover, onde estão exposto na Feira Industrial, vários empresários brasileiros apoiaram a atitude dos ministros, assinalando que um retorno às taxas que prevaleceram em 1980/81 virtualmente inviabilizaria qualquer programa de ajustamento, ainda que a ortodoxia do Fundo Monetário Internacional - FMI - fosse substituída pela mais ampla flexibilidade.

Os empresários que chegaram até Hanover para expor seus produtos, na expectativa de aumentar as vendas externas e, desse modo, contribuir para a regularização das contas externas do País, têm razão em receber, com uma atitude de indistigável desânimo, a nova ofensiva das

taxas dos juros internacionais, sobretudo se ela é acompanhada, como efetivamente está sendo, de uma concomitante valorização do dólar frente às moedas fortes da Europa e ao yene. O fato é que nossas exportações têm perdido competitividade junto ao mercado alemão, justamente face à desvalorização de quase 12 por cento do marco em relação ao dólar, nos últimos 18 meses. Embora esse desbalanço seja compensado pela política cambial, esta também tem um limite, que é justamente a variação da taxa inflacionária. Felizmente, para os exportadores, a inflação continua em alta, o que tem permitido reajustes mais reais da taxa cambial.

No centro da política de elevação das taxas de juros no mercado internacional está a reativação da economia norte-americana em níveis bem acima dos previstos pela própria administração Reagan. Esse crescimento, infelizmente, está sendo obtido graças a uma elevação da taxa inflacionária, da taxa de juros e do déficit do orçamento público. Nos próximos três anos, o déficit anual do orçamento norte-americano não deverá fi-

car abaixo dos 180 bilhões de dólares, alimentado tanto pelo corte nas receitas fiscais para fins eleitorais - como pelo enorme orçamento militar.

Os Estados Unidos não costumam programar sua política monetária pensando no que possa acontecer com a economia mundial, de tal forma que as advertências dos ministros brasileiros, especialmente o da Fazenda, não chegam a impressionar os empresários brasileiros, que estão por aqui. Contudo, eles insistem em que as palavras duras de Galvão não devem se perder no ar, como mera ameaça inconsequente, mas se constituir em argumento do governo brasileiro na hora da renegociação da dívida externa que vencer em 1985 e nos anos seguintes.

De fato, a política de virar a mesa talvez não seja a mais adequada, para um país que ainda tem muita dependência externa, mas por outro lado, submeter-se às consequências de ajustes internos da economia americana sem estabelecer suas próprias condições é um erro que não pode e não deve ser cometido, mesmo por um governo em fim de mandato e carecendo de credibilidade interna e externa.